



# O último Meltzer: alguns fundamentos e implicações técnicas

Raul Hartke\*, Porto Alegre

*O autor objetiva sintetizar e sistematizar as principais concepções teóricas e técnicas de Meltzer desenvolvidas a partir dos anos setenta, sob a influência da obra de Bion. São abordadas as questões dos diferentes níveis de funcionamento mental, do conflito estético e suas repercussões no desenvolvimento psíquico, na psicopatologia e no processo analítico, bem como da fenomenologia da identificação projetiva intrusiva para dentro do objeto interno (essencialmente a mãe e seus distintos compartimentos) e a conseqüente vida mental no claustro, correlato psicopatológico da noção bioniana de objeto continente. Enfocam-se, ademais, as implicações técnicas desses desenvolvimentos teóricos, em termos de diferentes níveis ou formas de trabalho analítico, de acordo com disfunções na função alfa, no nível de abstração ou uso de seus produtos ou da vida no claustro.*

*Descritores: níveis de funcionamento psíquico, conflito estético, identificação projetiva intrusiva, claustro, técnica psicanalítica, interpretação de sonhos.*

\* Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





“A nova idéia era claramente algo assim como: *No princípio existia o objeto estético e o objeto estético era o seio e o seio era o mundo*”.

Meltzer (1986, p.233).

Tomar contato, estudar, incorporar, metabolizar, refletir e utilizar a obra de Donald Meltzer não deixa de colocar-nos diante de algo por ele mesmo descrito e que será uma de suas contribuições seminais a ser examinada no presente trabalho: um impacto estético (Meltzer, 1988). Como tal, desperta todas as emoções e também forças defensivas relacionadas ao *conflito estético*.

Ainda segundo suas próprias idéias (Meltzer, 1988), em tais situações é necessário estabelecer e manter uma correspondência ou reciprocidade simbólica com a obra, de modo a que possamos *sonhá-la* em nós mesmos, conter em nossas mentes as suas implicações, até um ponto em que se tornem realmente significativas e recebam alguma formulação pessoal. Nesse difícil processo, é crucial que nossa onipotência infantil não invada, destrua, vulgarize ou encarcere e embote as formulações do autor em alguma leitura supostamente definitiva.

Mantendo tudo isso presente, meu objetivo neste trabalho é examinar alguns postulados e implicações técnicas das contribuições daquele que poderíamos chamar de *o último Meltzer*, ou seja, aquele para o qual, de acordo com sua própria afirmação, a obra de Bion sobre o pensar e os grupos penetrou lenta mas profunda e decisivamente em seu consultório, alterando substancialmente seu trabalho clínico, no início dos anos setenta (Meltzer, 1992, p.2).

Assim, e apenas para iniciar, constata-se que Meltzer (1986) distingue três níveis de funcionamento da personalidade, apoiando-se fortemente em idéias desenvolvidas por Bion, mas também em seus próprios estudos sobre o autismo (Meltzer e cols, 1975).

O primeiro deles, ainda em um plano essencialmente animal, voltado para a gratificação das necessidades fisiológicas, baseia-se em padrões herdados e nos efeitos facilitadores de experiências prévias. Possibilita-nos uma atração por fontes adequadas de gratificação e uma rejeição das inadequadas ou ameaçadoras. Trata-se de um nível unidimensional, orientado por uma causalidade linear e com uma característica tendência à ação imediata. Pacientes profundamente autistas evidenciarão esse nível de funcionamento.

Um segundo nível, bidimensional, origina-se de identificações muito primitivas, baseadas na mímica, no treinamento e na imitação das qualidades aparentes do comportamento dos outros. É responsável pela armadura externa da personalidade, caracterizada pela adaptação automática aos requisitos sociais, pelas





formas convencionais de reação e ligadas aos fatos externos. Implica operações mentais que envolvem apenas a manipulação lógica de signos – indicadores de informações – ou, então, de símbolos recebidos de outros e usados como signos. Gera um exoesqueleto protomental na personalidade, produzindo adultos empregáveis com uma couraça social bem descrita por Reich, segundo Meltzer. Embora fundamental para a sobrevivência do sujeito, constitui um nível ainda não mental propriamente dito, não-simbólico, sem que isso tenha uma conotação pejorativa. Exemplos eloqüentes de domínio absoluto desse nível seriam as identificações adesivas de certas crianças pós-autistas, bem como o comportamento grupal e político quando dirigido por signos e propagandas que paralisam o pensar e incitam à atuação. Em formas menos exacerbadas, constitui o modo como todos nós funcionamos durante a maior parte do tempo.

Finalmente, teríamos o nível propriamente mental, tri ou mesmo tetra-dimensional, simbólico, essencialmente qualitativo e, segundo Meltzer (1983,1988), estético, no qual a emoção ocupa o centro do significado. A partir dele, saímos do mundo finito da causalidade e ingressamos no universo infinito da imaginação.

A passagem dos dois níveis anteriores, protomental, para esse terceiro é possibilitada por uma misteriosa função denominada por Bion (1962) de *função alfa*, que age sobre as impressões sensoriais e as emoções de nossas experiências emocionais, vivenciadas tanto quando dormimos como quando acordados. Essa função é responsável pela formação de símbolos próprios, idiossincrásicos, que servem para representar o significado das experiências emocionais que podem ser usadas, então, para recordar (e não simplesmente reter dados), pensar (que é distinto de manipular logicamente elementos) e comunicar idéias mediante diferentes formas simbólicas que não se restringem a somente transmitir informação. Está em permanente funcionamento mas também constantemente obstaculizada defensivamente pelo exoesqueleto adaptativo formado pelo funcionamento do segundo nível. Essa capacidade de representar simbolicamente e pensar sobre as experiências emocionais é o que possibilita *aprender com a experiência*, conforme a formulação de Bion (1962), e, com isso, crescer mentalmente. É apenas nesse terceiro nível que nossas experiências adquirem *sentido* ou *significado* (Meltzer, 1986, p.3) e a partir dele construímos uma imagem do mundo potencialmente infinita. Os símbolos formados nesse nível são algo novo, próprio, chamados por Meltzer de *símbolos autônomos* (Meltzer, 1997, p.239) e que constituem o fundamento de toda a vida mental criativa. São distintos daqueles recebidos da cultura ou dos pais e utilizados na vida cotidiana.

Nesse sentido, diz Meltzer: “A mente é a função geradora de metáforas que usa o grande computador (cérebro) para escrever sua poesia e pintar seus quadros



de um mundo cintilante de significados” (1988, p.35).

Enquanto a matemática e a lógica são, segundo Meltzer (1988), ciências dos signos e da informação, relativas, portanto, ao segundo dos níveis referidos, a psicologia e a filosofia lidam com os símbolos e os significados que representam a experiência emocional.

Meltzer (1983, 1986) enfatiza constantemente que a experiência emocional capaz de desencadear a função alfa ocorre apenas no contexto daquilo que ele denomina *relações íntimas*, em contraposição às *contratuais* e às *casuais*. E é justamente na caracterização desse tipo de experiência emocional que, a meu ver, esse autor desenvolve sua contribuição mais original. Para tanto, vale-se, de modo mais imediato, das seguintes contribuições de Klein e Bion:

a) As noções de concretude do mundo interno e, principalmente, de um interior do objeto, seja ele externo ou interno, descoberto por Melanie Klein, ao referir-se tanto ao desejo epistemofílico envolvendo a curiosidade sobre o interior do corpo materno como à projeção de objetos e partes do *self* para dentro de outra pessoa.

b) A concepção de Bion sobre as emoções como vínculos e sua proposição quanto à existência de três vínculos básicos, isto é, amor, ódio e desejo de conhecer. Isso implica situar o desejo de conhecer como algo tão primário e fundamental quanto o amor e o ódio, bem como deixar de situar o ódio como oposto do amor, já que ambos continuam sendo vínculos positivos. A oposição passa a ocorrer entre esses três vínculos e seus correspondentes negativos, caracterizados por Meltzer como puritanismo (negativo do amor), hipocrisia (negativo do ódio) e filistianismo (negativo do desejo de conhecer).

Para Meltzer, a experiência emocional incitadora da função alfa, que cria os símbolos e permite o crescimento mental mediante o aprender com a experiência, está nuclearmente relacionada ao que ele denomina de *conflito estético* (1986, 1988, 1992).

O conflito estético diz respeito a um objeto presente, com um exterior admirado, manifesto, disponível e apreensível pelos órgãos dos sentidos e um interior misterioso, enigmático, ambíguo, que pode apenas ser construído por meio da imaginação criativa. Tem a ver com o impacto estético despertado pela beleza e o mistério do mundo e do objeto primário que o representa simbólica e concretamente, isto é, a mãe, seus seios, mamilos, olhos e mente. Pressupõe a aceitação da tridimensionalidade, no sentido do reconhecimento da existência de um interior



no objeto. Nada melhor do que citá-lo textualmente para descrever esse impacto estético da mãe sobre seu bebê:

“A devotada mãe comum apresenta ao seu lindo bebê comum um objeto complexo de enorme interesse, tanto sensorial como infra-sensorial. Sua beleza externa, concentrada, como deve ser nos seios e na face, complicada em cada caso, pelos mamilos e pelos olhos, bombardeia o bebê com uma experiência emocional de qualidade passional, resultando em que o bebê seja capaz de ver estes objetos como *lindos*. Mas permanecem desconhecidos para o bebê o significado do comportamento de sua mãe, do aparecimento e do desaparecimento do seio e da luz de seus olhos, de uma face na qual as emoções passam como sombras de nuvens sobre a paisagem. Afinal das contas, o bebê veio para uma terra estranha onde ele desconhece a linguagem e também as indicações e comunicações não-verbais costumeiras. A mãe lhe é enigmática; ela exhibe um sorriso de Gioconda a maior parte do tempo e a música de sua voz fica constantemente mudando de tom maior para o tom menor. Como K (o de Kafka, não o de Bion), o bebê precisa esperar por definições advindas do castelo – o mundo interno de sua mãe”. (Meltzer, 1988, p.44).

O objeto estético é sempre um *objeto combinado*, isto é, em termos de objetos parciais, o seio e o mamilo, os olhos e a mente, o pênis com os testículos, o pênis e a vagina ou, de objetos totais, o pai e a mãe, em uma interação criativa em qualquer desses níveis (Meltzer, 1973, p.94; 1986, p.22).

Esse impacto estético desperta *paixão*, que, para Meltzer (1986, 1988, 1992), seguindo Bion, significa uma interação qualitativamente peculiar dos vínculos L, H e K, em conflito com os vínculos negativos. A peculiaridade consiste em um predomínio do vínculo K sem a ausência dos demais. É importante sublinhar o aspecto qualitativamente singular da integração de L, H e K no conflito estético, porque implica uma paixão que, ao mesmo tempo, em função da supremacia do desejo de conhecer, dá liberdade ao objeto. Quando predomina L, desejamos possuir e controlar o objeto; quando H, queremos evitá-lo ou destruí-lo e quando existe apenas K, tudo o que almejamos é adquirir maestria e domínio sobre aquilo que desafiou nosso conhecimento.

Entretanto, a dor da ambivalência e o esforço emocional exigidos para tolerar a dor da incerteza quanto ao interior do objeto, que pode evoluir para a desconfiança, torna muito difícil manter tal integração e provoca a cisão defensiva tanto do objeto, distribuindo os três vínculos por diferentes objetos, como do *self*, cin-





Raul Hartke

dindo sua capacidade de vivenciar tal experiência emocional. Como essa experiência passional que integra os três vínculos em relação a um objeto é primária, inclusive inata e a cisão uma reação defensiva, para Meltzer (1983, 1988), ao contrário de Klein, a posição depressiva precede a esquizoparanóide.

Ainda segundo esse autor, a base primária de toda a psicopatologia que tratamos em nossos consultórios analíticos é constituída pela fuga à dor causada pelo impacto do objeto estético e seu conflito correlato. Os mecanismos de defesa são, desde tal ponto de vista, essencialmente movimentos de recuo diante do impacto despertado pelo objeto estético. No processo analítico, entretanto, isso só fica mais evidente na fase descrita como *o umbral da posição depressiva* (Meltzer, 1967), após a resolução das confusões geográficas e zonais, todas agora vistas como defesas contra o conflito estético.

Em outras palavras, os conflitos provocados pela presença do objeto são mais fundamentais e importantes do que aqueles mobilizados pela sua ausência. Conforme suas próprias palavras:

“O impacto da separação, da privação emocional ou física, de doença física, do conflito edipiano – pré-genital e genital, de fatores imprevisíveis, de seduções e brutalidade, de indulgência, de superproteção, de desintegração familiar, de morte dos pais ou de irmãos – tudo isto tira a essência de seu significado para o processo de desenvolvimento de sua contribuição como aspectos do processo subjacente e fundamental de evitar o impacto da beleza do mundo e da intimidade apaixonada com outro ser humano. Para a nossa compreensão de nossos pacientes, para uma visão complacente da dureza, frieza e brutalidade que repetidamente irrompe na transferência e contratransferência, é necessário que se reconheça que o conflito a respeito do objeto presente é mais significativo do que toda a série de ansiedades a respeito do objeto ausente” (Meltzer, 1988, p.52-53).

Essa mesma tese é reafirmada em outro contexto:

“O interior oculto do objeto, da mesma forma que o objeto ausente, é um forte estímulo para o pensamento, talvez o mais forte dos dois, sendo, em sua natureza, mais apaixonado que ansioso. Enquanto as angústias engendradas pela ausência do objeto tendem a despertar violência a serviço da dominação e controle do objeto, a paixão ligada ao interior oculto do objeto estético promove o amor, convida à exploração” (Meltzer, 1986, p.209).





Para que seja tolerável a ambos, bebê e mãe, essa experiência estética requer *reciprocidade* (Meltzer, 1986, p.209), ou seja, cada qual precisa poder representar um objeto estético para o outro.

Meltzer (1988) examina o lugar do conflito estético no processo de desenvolvimento, no processo analítico, na crítica de arte e na questão da violência, cuja base, para ele, é a *violação* no sentido de intrusão sem convite na privacidade de espaços internos e suas representações. Esse último aspecto também o leva a distinguir entre o *privado* e o *secreto*, a partir da intenção subjacente. O *secreto* extrai seu prazer da fantasia de possuir um conhecimento que é intencionalmente ocultado de um outro, a fim de despertar sua curiosidade intrusiva e frustrá-la. Já o mistério envolve o reconhecimento de algo desconhecido para o qual nenhum dos participantes tem a resposta final e que, por isso mesmo, incita o desejo de conhecer e reconhece sua limitação e provisoriedade.

As cisões dos vínculos e do *self* em relação ao objeto estético, correspondente à posição esquizoparanóide de Klein, mantêm ativos os processos estruturantes de projeção e introjeção, permitindo, assim, as trocas emocionais entre os mundos internos e externos, entre o *self* e os objetos. Por isso não ocorre uma redução do funcionamento mental ao nível adaptativo bidimensional, no qual o pensar a partir da experiência emocional é substituído pela intriga e pela ação visando unicamente ao êxito, características dos supostos básicos descritos por Bion em relação aos grupos.

Tal redução ocorre, entretanto, quando, devido à incapacidade para suportar as paixões relacionadas ao objeto estético, o sujeito emprega aquilo que Meltzer descreve como uma identificação projetiva intrusiva para dentro do objeto interno, essencialmente a mãe interna, transformando o interior receptivo às identificações projetivas, isto é, o continente, em um *claustró* (Meltzer, 1992). Essa redução à bidimensionalidade (como defesa contra o impacto estético) constitui uma desmentida da existência de um interior misterioso do objeto, isto é, de sua própria realidade psíquica. A identificação intrusiva revela claramente sua dupla fenomenologia, isto é, tanto o aspecto grandioso, derivado da identificação com o objeto como o claustrofóbico, devido à projeção forçada para dentro do mesmo. Isso a diferencia da indução passiva para dentro de objetos externos, relacionada à *folie-à-deux*, às personalidades múltiplas e outros estados afins, que evidencia o componente narcisista identificatório mas não o claustrofóbico.

A análise dos estados mentais promovidos pela identificação intrusiva para dentro da mãe interna permite ademais, de acordo com Meltzer, distinguir com maior clareza que, na fantasia inconsciente, essa última é dividida em três compartimentos: a parte superior, isto é, a mente e o seio, a parte de baixo da frente



(compartimento genital) e a de baixo de trás (reto). Tais compartimentos são bastante distintos quando fantasiados onipotentemente a partir dessa identificação intrusiva do que quando concebidos desde fora do objeto mediante a imaginação. Assim, construída a partir do exterior, a cabeça/seio é vivenciada como a fonte de toda riqueza, inicialmente concreta e, mais tarde, relacionada à generosidade, receptividade, reciprocidade, compreensão, sabedoria, formação simbólica (e, portanto, à arte e à imaginação). Visto desde dentro, a generosidade degenera em *quid pro quo*, a receptividade em adulação, a reciprocidade em cumplicidade, o compreender em decifrar segredos, o saber em informações, a formação de símbolos em metonímia e a arte em moda (Meltzer, 1992, p.73). O componente identificatório derivado da identificação intrusiva origina o *delírio de claridade de insight* (Meltzer, 1992, p.74) e o claustrofóbico um mundo proustiano.

Imaginado desde o exterior, o compartimento genital materno está cheio de bebês e o pai, com seu pênis e sêmen, alimenta, fertiliza e limpa os órgãos reprodutores da mulher através de seus três orifícios. Visto desde o interior, pela identificação intrusiva, tal compartimento acolhe um festival erótico no qual a beleza feminina tem o poder irresistível de provocar uma ereção absolutamente fascinante. Os sujeitos que vivem dentro de tal claustro sentem-se partícipes de uma religião priápica primitiva. O aspecto identificatório envolve o desejo de ser um falo irresistível ou de ter absoluto poder sobre ele. O componente claustrofóbico é responsável por um permanente temor à doença ou gravidez.

Finalmente, no que diz respeito ao reto da mãe interna, construído pela imaginação, é visto como o depósito necessário dos dejetos produzidos pelos bebês e resguardado pelo pai. Quando alvo da identificação intrusiva, torna-se a região de uma religião satânica dominada pelo pênis fecal, essencialmente sado-masoquista, tirana e voltada unicamente para a sobrevivência, responsável pelos mais severos transtornos emocionais.

Enquanto a identidade da pessoa está dominada basicamente pelo seu aspecto infantil que vive dentro de um dos claustros acima referidos, ou seja, dentro de um objeto interno, não existe, para Meltzer, no processo analítico, uma verdadeira transferência, pois ele a restringe à externalização das partes infantis do *self* em busca de objetos externos que possam carregá-las. O analisando mantém em relação ao analista uma postura de tolerância, desatenção e desdém (Meltzer, 1992, p.99) e esse último sente-se mero observador ignorado de acontecimentos ocorrendo em um interior fechado. Seu sentimento contratransferencial é mais de aborrecimento do que de exclusão. As interpretações transferenciais não só não funcionam como despertam no analisando um efeito negativo, com a fantasia de que o analista quer forçá-lo a uma intimidade e dependência devido a sua própria soli-



dão e isolamento. Em muitos aspectos o que o analista realiza nessas situações não é, segundo Meltzer (2000), uma tarefa propriamente analítica, limitando-se a descrever para o paciente o tipo de mundo em que ele está vivendo, para diferenciá-lo do mundo visto de fora. O grande desafio técnico nesses casos é encontrar e resgatar a criança do analisando perdida dentro do claustro (Meltzer, 1992).

Esses fenômenos associados à identificação intrusiva estão relacionados às confusões geográficas descritas por Meltzer em *O Processo Analítico* (1967), sendo frequentemente responsáveis por impasses. Pacientes *borderline* funcionam predominantemente dessa maneira e o trabalho analítico com eles concentra-se por longo e penoso tempo nessas confusões geográficas.

Meltzer considera suas descobertas clínicas sobre a identificação projetiva para dentro de objetos internos (mediante fantasias masturbatórias) e o reconhecimento da compartimentalização do interior da mãe interna como passos decisivos em suas últimas teorizações e formulações técnicas (Meltzer, 1992, p.3).

O modelo da mente adotado finalmente por esse autor é, conforme já foi referido, essencialmente baseado em Bion ou, mais precisamente, segundo sua própria expressão, em um *desenvolvimento kleiniano* que parte de Freud, passa por Abraham e Klein e chega até Bion. Ele próprio, em vários momentos de sua obra mais recente, expõe como entende tal modelo, procurando estabelecer suas correlações e diferenças quanto aos de Freud e Klein.

Assim, com Freud (Meltzer, 1983), a psicanálise é uma ciência baconiana explicativa, que procura causas, tentando alcançar leis gerais. Seus modelos derivam da neurofisiologia, da hidrostática e do evolucionismo darwinista, envolvendo também analogias com a anatomia comparada, a embriologia, a arqueologia e os princípios da termodinâmica, enfim, com as ciências naturais. Apesar de ter desenvolvido o conceito de superego e falar de internalizações, não há em sua obra um conceito que contemple a concretude do mundo interno, como ocorre em Melanie Klein. Os sonhos, que constituem uma fonte preciosa de informações sobre a personalidade do paciente, limitam-se à elaboração e disfarce de material psíquico já existente e, assim, o trabalho onírico não cria novos significados, nada diz de novo e, nesse sentido, não constitui uma experiência vital em si, não é vida onírica em processo criativo. As emoções, por sua vez, seriam, em Freud, meros indicadores do funcionamento mental, estados corporais derivados do trabalho das pulsões, ou, dentro de uma perspectiva darwiniana, relíquias de formas arcaicas de comunicação. Em suma, nas palavras de Meltzer, algo assim “como o ruído da máquina” (1983, p.41).

A transferência, consoante o modelo neurofisiológico e hidrostático da mente e a ausência da noção de concretude do mundo interno, representa apenas uma





Raul Hartke

repetição do passado, isto é, tem, como mecanismo constituinte, o deslocamento de experiências com as figuras parentais da infância para a pessoa atual do analista.

A partir de Melanie Klein, sempre desde a perspectiva de Meltzer, a realidade psíquica passa a ser concebida de um modo muito mais concreto, como um lugar, um espaço, um teatro interno no qual os personagens estabelecem entre si relações e conflitos emocionais, criando o significado que é, então, estendido para o mundo exterior. Em outras palavras, o significado de nossas relações e objetos é gerado no mundo interno, que recorre a formas tomadas emprestadas do mundo externo para poder representá-lo. Segundo o próprio Meltzer, existe, dentro da mente, no modelo kleiniano implícito, "...um teatro gerador de significado pelo qual as formas do mundo externo podem ser impregnadas de significado e significação emocional" (Meltzer, 1978, p.156). Isso, diga-se de passagem, constitui uma visão neoplatônica do ser humano. As fantasias inconscientes são transações que ocorrem permanentemente nesse mundo interior, constituindo a *vida onírica*. Durante o sono, essa vida onírica é chamada *sonho* e oferece uma visão bastante direta da operação dos processos psíquicos (Meltzer, 1997, p.18); em vigília, é conhecida como *fantasia inconsciente*. Essa concretude do mundo interno constitui para Meltzer a dimensão geográfica daquilo que ele denomina *metapsicologia ampliada*, acrescentada às quatro anteriores, isto é, os pontos de vista dinâmico, tópico e econômico (propostos por Freud), além do genético, defendido por Hartmann, Kris e Loewenstein (Laplanche e Pontalis, 1967).

Os objetos desse mundo interno exercem funções na mente, como se fossem deuses (ou demônios) de uma espécie de religião interna, revelando, assim, um aspecto do modelo kleiniano, que Meltzer chama de teológico.

As emoções tornam-se o núcleo do significado para a vida mental e a transferência passa a ser vista como a externalização de objetos e/ou partes do *self* pertencentes ao mundo interno presente, atual.

Enquanto a matéria básica do modelo freudiano da mente é a energia, em Klein passa a ser o significado. De acordo com Meltzer, implicitamente (já que Klein pouco se interessa por explicitar teorizações metapsicológicas), a psicanálise transforma-se, com o modelo kleiniano, em uma ciência descritiva, que observa e procura descrever os fenômenos infinitos da imaginação, ao invés dos fatos limitados da distribuição de energia psíquica.

Mas Klein restringe-se a descrever as formas como a mente lida com as fantasias, sem preocupar-se com os processos que as originam. Ela dá por assentado que a mente pode pensar, deixando assim de ocupar-se com os processos de pensamento em si. Esse último aspecto torna-se o ponto de partida da obra de Bion, que inaugura assim, de acordo com Meltzer, a dimensão epistemológica da





metapsicologia ampliada.

Meltzer argumenta também que Klein não levou em conta a identificação projetiva para dentro de objetos internos (1992, p.11) e, sobretudo, não percebeu a distinção, crucial para ele (possibilitada por Bion), entre curiosidade intrusiva em relação ao objeto (que, em fantasia, viola sua intimidade) e desejo de conhecê-lo respeitando sua independência e privacidade.

Bion (1967), como é sabido, começou justamente estudando os distúrbios do pensamento em pacientes psicóticos e evoluiu gradativamente para a construção de um modelo geral do pensar. Para tanto, separou os pensamentos, por um lado, e o processo de pensá-los, por outro, postulando que os pensamentos antecedem e forçam o processo de pensar. Supõe que os pensamentos se originam a partir da *função alfa*, inicialmente desenvolvida para o bebê pela mãe, com sua capacidade de *rêverie* (Bion, 1962). Assim, diversamente de Klein, a mãe não exerce apenas a função de gratificação ou de frustração de satisfações, mas sim de objeto pensante com função de compreensão ou, pelo contrário, de fracasso de compreensão (Meltzer, 1978, p.158).

O processo de pensar os pensamentos, por sua vez, a cargo de um *aparelho de pensar*, transforma tais pensamentos, de modo a possibilitar-lhes aumentar seus níveis de abstração e serem usados para diferentes fins, conforme é ilustrado na conhecida *grade* (Bion, 1977).

Dentro desse modelo, a elaboração onírica serve para dar forma aos pensamentos nascentes, ao invés de esconder a verdade diante da censura como pensava Freud (Meltzer, 1978, p.105). Em outras palavras, o sonho é realmente uma forma viva e imediata de pensar, criando significados novos.

A partir dos pensamentos e do pensar relacionados às experiências emocionais, a mente gera as verdades, que são o alimento para o seu crescimento. Nesse sentido, o desenvolvimento mental, para Bion, consiste na ampliação da capacidade de pensar tais experiências emocionais e, com isso, *aprender com a experiência*.

Em contraposição, angústias e falhas nesses processos geram *mentiras*, que são o veneno da mente e que, na visão de Meltzer (1978, p.160), podem ser constituídas por experiências emocionais não transformadas em pensamentos (elementos beta), pensamentos degradados devido à reversão da função alfa ou, então, produtos de um aparelho de pensar funcionando em negativo, responsável por uma grade negativa de elementos, bastante enfatizada por ele.

Os mecanismos de defesa e suas conseqüências patológicas são essencialmente perturbações ou ataques à capacidade de pensar e tentativas de viver em um mundo do antipensamento, o que implica sempre uma concepção basicamente





epistemológica da psicanálise.

O trabalho analítico consiste, assim, essencialmente, em estudar os movimentos imediatos do processo transferencial/contratransferencial especificamente como um processo de pensamento (Meltzer, 1997, p.20). Isso significa que, como analista, na sessão, não lidamos primariamente com a sexualidade (como queria Freud), nem com o amor e o ódio (como pensava Klein) como tais, mas sim, com a capacidade ou não de pensar as experiências emocionais do presente imediato.

Revisando as teses expostas em *Os Estados Sexuais da Mente* (1973), Meltzer diz que ainda referenda aquelas suas concepções sobre a sexualidade em si, mas que, atualmente, a considera apenas um entre outros fatores importantes para a compreensão da vida humana. Enfatiza, ademais, que ela em geral constitui uma primeira fase do processo analítico que passou a chamar de *transferência pré-formada* (Meltzer, 2000), em substituição à proposição anterior de uma primeira fase de *colheita da transferência*. Essa transferência pré-formada origina-se em conhecimentos ou fantasias do paciente sobre o que seria uma análise, necessitando ser *desmantelada* para que se instale a situação analítica e possa iniciar-se, de acordo com suas palavras, “...o real trabalho analítico” (Meltzer, 2000,p.8).

Tudo isso constitui a forma com que Meltzer entende e utiliza certas idéias de Bion. Mas, divergindo agora de Bion, propõe que o último item do eixo horizontal da grade não seja a ação – sempre restritiva do pensamento – mas sim a comunicação associada a um debate que não se encerra nunca. Da mesma forma, o último item do eixo vertical não seria o nível matemático (cálculo algébrico), mas sim o nível estético e, eventualmente, o espiritual (Meltzer, 2000, p.10).

Além disso, diferentemente de Klein e Bion, Meltzer (1994, p.495) concebe a inveja primária como um impulso para interferir na experiência apaixonada desencadeada pelo objeto estético e, assim, impedir o surgimento da verdade no sentido do “verdadeiro sentido de minha experiência emocional” (Meltzer, 1986, p.6).

Da mesma forma, descarta a pulsão de morte, substituindo-a simplesmente pela grade negativa, que opera governada pelos vínculos negativos (puritanismo, hipocrisia e filistianismo) com técnicas *estúpidas* de mímica e negação, sempre confundindo a forma externa com a beleza interior e o segredo com o mistério (1994, p.495).

Finalmente, Meltzer (1997) diz usar muito pouco o conceito de inconsciente em sua prática clínica. Reconhece a existência de uma área muito primitiva da mente, além da capacidade de introspecção do próprio sujeito – o inconsciente





conforme Freud o descreve – mas julga não trabalhar com ela, restringindo-se àquilo que o analisando pode observar internamente e relatar ou ao que o analista pode construir com a sua imaginação a partir das experiências contratransferenciais. Nesse sentido, cito-o textualmente:

“Acho que a diferenciação que Freud faz do que é consciente e do que é inconsciente não é um instrumento clínico muito útil. E certamente tem pouco ou nenhum valor explicativo, porque a mente não funciona através de causa e efeito, ela opera através de processos mentais, julgamentos, formação de idéias, valores, etc. De algum modo, poder-se-ia dizer que alguns fenômenos psicossomáticos operam na base de causa e efeito, porque são oposto de funções mentais, devem-se a evacuações de acréscimos de estímulos, como Bion descreveu” (Meltzer, 1997, p.250-251).

Penso que isso se prende ao fato de que, seguindo Bion, ele está mais interessado nas sensações e emoções, que ainda não foram processadas e transformadas em elementos psíquicos, que foram degradadas após o serem ou, então, em elementos já processados que estão, porém, sendo usados para criar barreiras contra a verdade da experiência emocional. Dentro desta concepção, o inconsciente só pode ser formado após a operação da função responsável pela transformação das sensações e emoções em algo psíquico.

Para Meltzer, as interpretações não têm qualquer valor explicativo, sendo tão somente *opiniões* de natureza essencialmente descritiva, baseadas frequentemente mais em juízos estéticos intuitivos do que em avaliações intelectuais precisas (Meltzer, 1978, p.128). Explicações, para ele, consoante Bion, estão sempre ligadas a um funcionamento esquizoparanóide, objetivando encontrar culpados e substituindo o pensar pela moralidade. A mente do paciente, podemos concluir, não é um segredo, mas sim um mistério!

Percorrendo sua obra deste último período, parece-me possível discernir, a grosso modo, que, baseado-se nas teorias bionianas da função alfa (bem como de sua reversão) e do aparelho de pensar (cujos resultados podem ser categorizados na grade em termos de níveis de abstração e tipos de usar), bem como em suas próprias teorias do objeto estético e do claustro, Meltzer delinea pelo menos quatro possibilidades de trabalho analítico:

1. – Quando existe deficiência ou reversão da função alfa. A tarefa analítica, nesses casos, consiste, segundo as palavras do próprio autor, em “...descobrir a experiência emocional que o paciente é incapaz de sonhar e, portanto, sonhar



por ele” (1986, p.35). Meltzer refere-se, nessa passagem, especificamente aos casos de pacientes psicossomáticos nos quais a reversão da função alfa provoca uma destruição dos símbolos incipientes e os degrada em escombros que não servem para serem utilizados pelo aparelho de pensar, mas tão somente para a evacuação no próprio corpo ou, então, em ações, alucinações ou comportamentos grupais de suposto básico. Entretanto, considerando-se sua afirmação de que, na maior parte do tempo de nossas vidas (e também de nosso tempo nas sessões analíticas), vivemos em um nível protomental bidimensional, assimbólico, é válido afirmar que essa é a tarefa que, como analistas, necessitamos tentar realizar constantemente nas sessões. Isso também implica levar em conta permanentemente a distinção entre fenômenos mentais (simbólicos) e não mentais (ou protomentais) em nossos pacientes e, enfatizo, em nós mesmos, durante o trabalho analítico.

2. – Situações nas quais constatamos um uso dos pensamentos já formados para fins de mentira, isto é, coluna dois na grade (eixo horizontal). Quanto a esse aspecto, é também importante considerar a proposta de Meltzer (1997) no sentido da diferenciação entre mentiras, auto-enganos e confabulações. De qualquer modo, nessas condições cabe levar em conta sua afirmação de que “...o esclarecimento da confusão é o fator operativo da interpretação... Coloca a ênfase em idéias como interesse e compreensão que superam a confusão” (1997, p.24).

3. – Condições nas quais podemos inferir que existe a formação de símbolos, não há um predomínio de uso para a mentira, mas há pouca capacidade de abstração (eixo vertical). Em tais ocasiões a tarefa do analista consistiria em “...facilitar o desenvolvimento de novas idéias oferecendo sua opinião em níveis de abstração e sofisticação acima do nível do mito e do pensamento do sonho” (Meltzer, 1978, p.160), isto é, da fila C da grade (pensamentos oníricos, sonhos, mitos). É possível também que aqui se aplique sua afirmação, no que diz respeito às interpretações, que “... a metáfora da iluminação substitui a da explicação” (1986, p.239), no sentido de lançar uma luz de entendimento partindo de diferentes vértices e, com isso, ressaltar distintas percepções.

Além disso, em alguns casos, segundo ele, é necessário fornecer ao paciente elementos para que possa pensar certas noções filosóficas, artísticas e estéticas sem as quais seu pensamento não terá como evoluir. Isso tem a ver com os níveis estético e mesmo espiritual como última fila do eixo vertical (ao invés do cálculo algébrico proposto por Bion), conforme foi referido anteriormente. Assim, por exemplo, é por vezes necessário explicar ao paciente o significado do conceito de perdoar (Meltzer, 1997, p.26).

4. – Finalmente, quando verificamos estar o paciente em identificação in-



trusiva para dentro de um objeto interno, isto é, com a maior parte de seu *self* vivendo em um claustro, nossa tarefa, segundo Meltzer, segundo já foi indicado, quase não pode ser denominado de *analítica*. Consiste em permanecer com a mente viva, descrevendo para o paciente o tipo de mundo no qual ele está vivendo, tentando diferenciá-lo do mundo externo conforme visto desde fora (Meltzer, 2000, p.2). Os problemas técnicos suscitados por essa vida no claustro são examinados em um capítulo específico do seu livro *Claustro* (1992).

A respeito desse último ponto, isto é, das interpretações, vale ainda a pena lembrar as distinções propostas por Meltzer entre interpretações rotineiras e inspiradas (mais antigas), entre exploração e análise propriamente dita dos sonhos (mais recentes).

Em um interessante artigo escrito em 1973, mas publicado em 1994, intitulado “Interpretação rotineira e interpretação inspirada: sua relação com o processo de desmame na análise”, Meltzer aborda a questão da atividade interpretativa do analista como uma função de sua personalidade. Esta última tem, para ele, extensos efeitos na forma e conteúdo das interpretações. Classifica, então, as interpretações ao longo de um espectro que tem, num de seus pólos, o que chama de interpretações rotineiras e, no outro, interpretações inspiradas. Quando às voltas com interpretações rotineiras, o analista ouve e observa o comportamento do paciente, espera que os elementos assim apreendidos formem um padrão em sua mente, aplica a ele algum aspecto do seu conhecimento prévio e fornece, então, uma interpretação que contém um certo caráter explanatório, explicativo. Neste sentido, estará ajudando o paciente a atravessar uma área do desenvolvimento que a ele, analista, já é familiar, em virtude de sua experiência pessoal e/ou profissional. Assim procedendo, são restauradas ligações rompidas por defesas, desfeitas confusões e encontrada uma notação para a ancoragem no consciente de experiências inconscientes. Com isso facilita-se a evolução da transferência, possibilitando a elaboração de conflitos que permaneciam sem resolução devido à excessiva operação de defesas contra a dor mental.

Esse tipo de interpretação, que é importante e, talvez, a mais freqüente em nosso trabalho diário, tem, no entanto, segundo Meltzer, um certo aspecto de atuação na contratransferência, na medida em que envolve uma atitude parental, de certo modo pedagógica, explanatória da transferência infantil. Ele a denomina de rotineira, tanto por se apoiar na experiência passada do analista, como por conter o risco de embotamento ou rotinização do processo terapêutico.

As interpretações inspiradas, por outro lado, derivariam de um abandono desta posição *pedagógica* do analista em relação ao paciente e de sua substituição





Raul Hartke

por uma atitude mental de *companheirismo* com a parte adulta desse último, numa aventura ao mesmo tempo nova e perigosa em busca de uma aproximação maior àquilo que é ainda desconhecido para ambos. Neste sentido, constituiria verdadeiramente uma *aliança* terapêutica, tanto pelo *companheirismo* envolvido como pelas possibilidades terapêuticas para ambos os participante. Suas formulações têm uma característica mais exploratória do que explanatória. Esse processo envolve, de parte do analista, o abandono da memória e do desejo e resulta de um profundo contato com o *objeto combinado interno*, base de toda e qualquer forma de criatividade humana. Esses seriam momentos raros, mas necessários para ajudar o paciente a identificar-se com um funcionamento que lhe possibilitaria uma auto-análise efetivamente criativa após a alta. Tal proposta aproxima-se muito mais das últimas formulações técnicas de Meltzer, citadas anteriormente. Por outro lado e na medida em que envolve o abandono da memória e do desejo bem como da trilha já batida das interpretações de rotina, envolve o temor e mesmo o perigo de a relação ser invadida por aspectos destrutivos e invejosos da mente. Seu risco é a megalomania. O paciente pode ficar com a impressão de que o terapeuta está louco ou querendo seduzi-lo e o terapeuta com a sensação de que a megalomania o invadiu, de que está perturbado e afastando-se de seus mentores, colegas e mesmo dos princípios analíticos básicos. Constituiriam, entretanto, quando adequadamente utilizados, os momentos de maior profundidade em um processo terapêutico.

Descrever a forma como Meltzer (1983) analisa os sonhos em seus últimos escritos não deixa de ser também uma maneira de homenageá-lo, já que são conhecidos seu interesse e particular capacidade quanto a esse aspecto.

O relato de um sonho na sessão sempre significa, para ele, um sinal de franqueza e confiança por parte do analisando, despertando-lhe um sentimento contratransferencial de gratidão. Serve para sinalizar como o paciente vivenciou o trabalho da sessão anterior, permitindo, assim, ao analista, correções em sua técnica.

Meltzer (1983) trata o sonho claramente como um *objeto estético*, no sentido já referido nesta exposição, e, durante a descrição de sua técnica, ficam, a meu ver, mais uma vez evidentes as influências bionianas em seu trabalho clínico. Inicia fechando os olhos para poder captar melhor as imagens evocadas em sua própria mente a partir da descrição verbal do analisando sobre suas imagens oníricas. Objetiva, ademais, detectar aspectos eventualmente pouco claros, elementos inusitados ou mesmo *misteriosos*, bem como obter mais detalhes sobre o cenário geral do sonho, muitas vezes não descrito pelo analisando e fornecedor de indícios importantes acerca da geografia do espaço mental. Nesse início tudo ain-





da parece confuso e carente de sentido para ambos os participantes e a intenção não é colocar certa ordem no sonho em si e sim nas mentes de ambos, servindo também para enriquecer o relato bem como estimular associações. Meltzer diz tratar a imagem do sonho do paciente como se fosse um sonho seu, afundando nela com essa disposição mental. Tudo isso caracteriza o início de uma fase que denomina de *exploração* ou *formulação do conteúdo do sonho* e que é constituída por uma espécie de *conversa em torno do material* (Meltzer, 1983, p.155). Exige de ambos um certo relaxamento mental, *sem memória nem desejo* como diria Bion. É algo lúdico, acompanhado caracteristicamente por uma sensação de colaboração e suspensão da tensão transferencial/contratransferencial, lembrando claramente a postura de *companheirismo* proposto para a emergência das interpretações inspiradas há pouco referidas. Está também em consonância com sua afirmação (Meltzer, 2000, p.7) de que, nos últimos anos, uma mudança importante em seu trabalho clínico consistiu na substituição da satisfação em ser analista e ter pacientes para o prazer da experiência de extrema intimidade desse relacionamento peculiar.

Essa forma de jogo requer *capacidade negativa* (conforme Bion sugere, valendo-se de Keats), a fim de esperar para que surja alguma intuição geradora de uma emoção que, para Meltzer, possui uma natureza estética, “...algo que tem a ver com a apreciação dos aspectos formais e composicionais do sonho, considerado como um acontecimento teatral” (Meltzer, 1983 p.153).

A partir de certo momento começam a surgir na mente do analista algumas *intuições interpretativas*, formuladas (ou não) para o analisando e caracteristicamente mobilizadoras das primeiras resistências mais claras, gerando também certo desconforto no analista, com um misto de expectativa ansiosa e decepção incipiente. Meltzer as relaciona à coluna dois da grade de Bion (1977), isto é, à tendência a criar mentiras que sirvam para encobrir verdades já intuídas.

Nesses momentos, costuma repassar e ordenar com o paciente o que já foi observado até então por ambos, procurando dar, assim, tempo e espaço para que a mente possa continuar trabalhando, apesar da resistência que incitaria interpretações prematuras ou errôneas. Espera o surgimento de alguma *noção interpretativa*, no sentido de uma formulação inicial vaga. Se tal noção ocorre e é formulada para o paciente, a sensação eventual de confusão diminui, mas a tensão costuma crescer.

Tal aumento da tensão está vinculado ao sentimento crescente da presença de um objeto estético – o sonho – com todo o conflito correlato de emoções já descrito e, sobretudo no início das análises, tende a provocar um afastamento do analisando em relação ao jogo proposto.





Raul Hartke

Todo esse processo vai progredindo em espiral, à espera de que tal exploração sirva como base para a interpretação propriamente dita. Até esse momento, segundo Meltzer (1983), não há ainda um incremento de significado quanto ao conteúdo do sonho, mas apenas a transformação da linguagem onírica visual em um inevitável, mas geralmente restritivo relato verbal.

Uma formulação adequada costuma originar uma sensação de satisfação estética, crucial para o sentimento de convicção acerca de sua *correção*, ou melhor, de que é efetivamente *interessante* (Meltzer, 1983 p.157), no sentido de estimular o pensar.

A interpretação propriamente dita do sonho consiste, na visão de Meltzer, em estabelecer o significado do sonho para a transferência e, secundariamente, para a reconstrução *mitológica* do passado. Essa última é considerada por ele como um produto interessante da análise, mas sem eficácia terapêutica. De qualquer modo, questiona se a interpretação propriamente dita é realmente necessária, a não ser no caso de sonhos considerados muito importantes para o processo analítico. A fase de exploração parece-lhe a mais importante, possibilitando ao analisando a identificação introjetiva com o objeto combinado, no sentido já referido anteriormente.

Para finalizar, desejo formular algumas questões e comentários relativos aos desenvolvimentos propostos por Meltzer que, a meu ver, mereceriam ser pensados com mais profundidade.

1. Na prática clínica diária temos realmente constatado, mesmo entre os que se dispõem a isto, a mudança do paradigma psicanalítico proposta por Meltzer a partir do modelo bioniano? Em outras palavras, realmente introjetamos a concepção da psicanálise como uma ciência descritiva e não explicativa?

2. No que diz respeito ao conceito de objeto estético como base primária do desenvolvimento psíquico, é possível ao bebê ter, desde o nascimento (e, quiçá, antes, segundo Meltzer), tal apreensão global do seu objeto?

3. É possível prescindir do conceito de inconsciente proposto por Freud, conforme o faz Meltzer? Será que as profundas e perspicazes compreensões que o vemos apresentar em suas obras e supervisões não são construções exatamente sobre fantasias inconscientes?

4. Nossas interpretações são, ou então deveriam ser, realmente apenas opiniões descritivas que nada explicam quanto ao funcionamento psíquico de nossos analisandos?

5. É tecnicamente útil restringir o conceito de transferência nos moldes propostos por Meltzer, isto é, à externalização das partes infantis do *self* em busca de





objetos externos que possam carregá-las, deixando-se, assim, de considerar como transferencial a situação do analisando quando em identificação intrusiva com um objeto de seu mundo interno?

6. Em Freud o objeto é apenas algo através do qual a pulsão procura atingir sua meta, ou seja, a satisfação, sendo o seu elemento mais contingente e variável. Em Klein, consoante com sua ênfase na *relação do objeto*, não só os objetos (internos e externos) são constituídos pelo sujeito, mas também modelam seu funcionamento. Além disso, o objeto passa a ser dotado de um interior. Assim, o impulso epistemofílico da criança é mobilizado e tem como alvo inicial o interior do corpo materno. Com Bion, não apenas existe tal interior do objeto externo como dentro dele ocorrem processos que são cruciais para a constituição e desenvolvimento psíquico do sujeito, como é o caso inaugural da necessidade de *rêverie* materna para o surgimento da mente de seu bebê.

Meltzer adota essas contribuições de Klein e Bion, dando, por sua vez, uma ênfase clínica importante também à questão do interior do objeto interno. Entretanto, será que ele, Klein e Bion levam em conta a afirmação de Laplanche (1987) que o outro externo não só tem um interior como também tem um inconsciente calcado na sexualidade, que envia *mensagens enigmáticas*?

Esse último autor francês, com sua teoria da sedução generalizada, propõe, ademais, que a introjeção tem prioridade na constituição do sujeito psíquico, em contraposição ao postulado kleiniano quanto a uma projeção inaugural. Segundo suas próprias palavras:

“... a introjeção e sua modalidade mais patente, a repressão, implica que o sujeito põe inicialmente algo dentro, instaura um inconsciente, antes de constituir, por projeção, um mundo objetal sexual segundo as linhas de força surgidas do reprimido” (Laplanche, 1982, p.103).

Laplanche também dá importância ao enigmático, mas, nesse caso, às *mensagens enigmáticas* implantadas pelo outro no sujeito e que requerem desse último um trabalho de tradução psíquica. Assim posto, ocorre uma verdadeira *revolução copernicana na psicanálise* (expressão do próprio autor), na medida em que o centro está no outro e não no sujeito, ou, mais precisamente no outro implantado dentro do sujeito.

O *mistério* de Meltzer surge a partir do sujeito contemplando seu objeto. O *enigma* de Laplanche parte de dentro do objeto e é inoculado no sujeito. Sendo assim, projeção ou introjeção inaugural? E quais seriam as conseqüências dessas





Raul Hartke

considerações para a prática clínica?

Como quer que seja, penso estarmos atualmente às voltas com a importância nuclear para o desenvolvimento psíquico bem como para a psicopatologia daquilo que poderíamos caracterizar como *a força da presença inacessível*. □

## Abstract

### **The last Meltzer: a few fundamentals and technical implications**

The author aims to summarize and systematize Meltzer's main theoretical and technical concepts developed from the 1970s onwards, under the influence of Bion's work. The issues of the different levels of mental functioning, aesthetic conflict and their repercussions on psychic development, psychopathology and the analytic process are discussed, as well as the phenomenology of intrusive projective identification into the internal object (essentially the mother and her different compartments) and the consequent mental life in the cloister, a psychopathological correlate of the Bionian notion of continent object. Furthermore, the technical implications of these theoretical developments are focused, in terms of different levels or forms of analytic work, according to dysfunctions in the alpha function, in the level of abstraction or use of their products, or in the cloistered life.

Keywords: levels of psychic functioning, aesthetic conflict, intrusive projective identification, cloister, psychoanalytic technique, interpretation of dreams.

## Resumen

### **El último Meltzer: algunos fundamentos e implicaciones técnicas**

El autor objetiva sintetizar y sistematizar las principales concepciones teóricas y técnicas de Meltzer desarrolladas a partir de los años setenta, bajo la influencia de la obra de Bion. Se abordan los asuntos de los diferentes niveles de funcionamiento mental, del conflicto estético y sus repercusiones en el desarrollo psíquico, en la psicopatología y en el proceso analítico, así como de la fenomenología de la identificación proyectiva intrusiva para dentro del objeto interno (esencialmente la madre y sus distintos compartimentos) y la consecuente vida mental en el claustro, correlato psicopatológico de la noción bioniana de objeto continente. Se enfocan, además, las implicaciones técnicas de esos desarrollos teóricos, en términos de diferentes niveles o formas de trabajo analítico, de acuerdo con dis-





funciones en la función alfa, en el nivel de abstracción o uso de sus productos o de la vida en el claustro.

Palabras llave: niveles de funcionamento psíquico, conflito estético, identificação proyectiva intrusiva, claustro, técnica psicanalítica, interpretação de sonhos.

## Referências

- BION, W.R. (1962). Learning from Experience. In: *Seven Servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- . (1967). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- . (1977). *Two papers: The grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LAPLANCHE, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- . (1992). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MELTZER, D. (1967). *O processo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- . (1973). *Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- . (1978). *O desenvolvimento kleiniano III: Significado clínico da obra de Bion*. São Paulo: Escuta, 1998.
- . (1983). *Vida Onírica: una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- . (1992). *Clastrum. Una investigación sobre los fenómenos claustrofóbicos*. Buenos Aires: Spatia, 1994.
- . (1994). *Sinceridad y otros trabajos: obras escogidas de Donald Meltzer*. Buenos Aires: Spatia, 1997.
- . (1997). *Seminário Temático: implicações da obra de Bion na prática clínica*. In: FRANÇA, M. O. & MARRA, E. S. (Org.). *Meltzer em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- . (2000). A review of my writings. In Cohen, M. & Hahn, A (ed.) *Exploring the work of Donald Meltzer: A Festschrift*. London, New Yor: Karnac, 2000.
- MELTZER, D. & cols. (1975). *Exploración del autismo*. Buenos Aires: Paidós, 1984.
- . (1986). *Metapsicología Ampliada: Aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- MELTZER, D. & WILLIAMS, M. H. (1988). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Recebido em 08/12/2004

Aceito em 15/12/2004

### Raul Hartke

Rua Itaqui, 98/305

90460-140 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: rahartke@brturbo.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

